

## O FALAR RIBEIRINHO: DESVELANDO AS DIFICULDADES DE COMUNICAÇÃO E OS EFEITOS DA DISCRIMINAÇÃO LINGUÍSTICA

Raimunda Gomes Maciel<sup>1</sup>  
 Patrícia de Paula Gomes Maciel<sup>2</sup>  
 Eliane Silva e Silva<sup>3</sup>  
 Maria Betânia de Carvalho Fidalgo<sup>4</sup>  
 Ana D'Arc Martins de Azevedo<sup>5</sup>

### RESUMO

Este artigo científico explora as dificuldades de comunicações enfrentadas pelos ribeirinhos em virtude da discriminação linguística. O estudo investigou as barreiras de comunicação vivenciadas por estudantes da Comunidade da Vila de Maiauatá, no município de Igarapé-Miri, no Estado do Pará, analisando como a discriminação linguística impacta suas interações sociais, educacionais e profissionais. Foi utilizado como metodologia, a revisão de literatura e a pesquisa de campo, na qual 35 ribeirinhos foram submetidos a aplicação de questionários. Os resultados revelaram as complexidades das dificuldades de comunicação, destacando as consequências emocionais e sociais da discriminação linguística. Contribuindo, dessa forma, para a compreensão das barreiras linguísticas enfrentadas pelos ribeirinhos em diversos setores e dia a dia, destacando a necessidade urgente de valorização e respeito às formas de comunicação, assim como a promoção da inclusão social e da igualdade de oportunidades para comunidades como esta, de fundamental importância para a cultura Amazônica.

**Palavras-chave:** Ribeirinhos. Dificuldades de Comunicação. Discriminação Linguística. Inclusão Social. Igualdade de Oportunidades.

---

<sup>1</sup>Doutoranda em Comunicação Linguagens e Cultura (UNAMA). Mestre em Gestão de recursos naturais e desenvolvimento local na Amazônia (UFPA). Graduação em Letras com habilitação Português, Inglês e Respectivas Literaturas (UNAMA). Especialista em Gestão Escolar (UFPA). E-mail: raimunda\_gonalves@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Acadêmica de Medicina (Faculdade IDOMED). Bacharela em Psicologia pela Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: ppatricia-paula@hotmail.com

<sup>3</sup>Doutora em Biotecnologia (UFPA), mestre em Neurociências e Biologia Celular (UFPA). Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas (Faculdade Cruzeiro do Sul). Docente da Faculdade de Educação e Tecnologia da Amazônia (FAM). Pesquisadora do Núcleo Integrado de Administração e Multidisciplinaridade (NIPAM-IFPI). E-mail: eliane.silva@faculdefam.edu.br

<sup>4</sup>Doutora pelo programa de Pós Graduação em Administração PPAD (UNAMA). Mestre em Ensino Superior e Gestão (UNAMA). Reitora da Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: betania.fidalgo@hotmail.com

<sup>5</sup>Doutora em Educação/Currículo ( PUC/SP). Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Professora Adjunta (UEPA). Coordenadora e Pesquisadora do Grupo de Pesquisa EDUQ/UEPA. Coordenadora e Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas GEPIDI/UNAMA. Vice coordenadora do Grupo de Pesquisa em Democracia e Gestão Social. E-mail: azevedoanadarc@gmail.com

## ABSTRACT

This scientific article explores the communication difficulties faced by riverside dwellers due to linguistic discrimination. The study investigated the communication barriers experienced by students from the Vila de Maiauatá Community, in Igarapé Miri, Pará State, analyzing how linguistic discrimination impacts their social, educational and professional interactions. It was used as a methodology, literature review and field research, in which 35 riverside dwellers were submitted to questionnaires. The results revealed the complexities of communication difficulties, highlighting the emotional and social consequences of linguistic discrimination. Contributing to the understanding of the language barriers faced by riverside dwellers in various sectors and daily life, highlighting the urgent need to value and respect the ways of speaking, as well as the promotion of social inclusion and equal opportunities for communities like this, of fundamental importance for the Amazonian culture.

**Keywords:** Riverside dwellers. Communication Difficulties. Linguistic Discrimination. Social inclusion. Equal Opportunities.

## INTRODUÇÃO

O estudo das variações linguísticas é fundamental para entender as nuances culturais associadas ao uso da linguagem em diferentes comunidades, fornecendo informações valiosas sobre tradições, normas sociais e identidade cultural.

Segundo Alves (2021), através do estudo das variações linguísticas, a sociolinguística ajuda a revelar padrões sociais, preconceitos linguísticos e desigualdades, contribuindo para a conscientização e para promoção da igualdade linguística. Dessa forma, ao entendê-las, os pesquisadores podem auxiliar na preservação de línguas, trabalhando com comunidades para documentar e revitalizar línguas em perigo.

Além disso, ao compreender as variações linguísticas, as pessoas podem melhorar a comunicação intercultural, minimizando mal-entendidos e promovendo o respeito pela diversidade linguística e cultural, evitando episódios de discriminação.

Nesse contexto, o objetivo do trabalho foi investigar as dificuldades de comunicação enfrentadas pelos ribeirinhos devido à discriminação linguística, com intuito de compreender como o modo de falar peculiar nessas comunidades pode influenciar a herança cultural; seus impactos sociais, psicológicos, visando promover, ainda, uma conscientização mais ampla sobre a importância da diversidade linguística; a valorização e preservação das particularidades linguísticas em comunidades ribeirinhas.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### *2.1. A variação linguística no Brasil e o modo de falar ribeirinho*

A variação linguística no Brasil é extremamente rica e diversificada devido à vasta extensão do país, sua história multicultural e as influências linguísticas de povos indígenas, colonizadores europeus, africanos escravizados e imigrantes de várias partes do mundo. Nesse sentido, o modo de falar ribeirinho é uma dessas variações linguísticas que merece atenção especial, ao refletir não apenas a diversidade linguística do Brasil, mas também a riqueza cultural das comunidades que habitam as regiões ribeirinhas (Alves, 2021).

Além disso, a comunicação ribeirinha é fortemente influenciada pelo ambiente natural das regiões onde vivem, como florestas, rios e comunidades isoladas. Essas influências podem resultar em vocabulário específico relacionado à fauna, flora e atividades típicas dessas áreas.

Francês Júnior (2011) enfatiza que as comunidades ribeirinhas preservam tradições culturais únicas, no que se reflete em seu modo de falar, caracterizado por expressões, provérbios e formas de tratamento que podem diferir nessas comunidades, especialmente, ao considerar a presença histórica de comunidades indígenas e afrodescendentes nestas regiões, resultando em uma maneira de comunicar que pode conter influências linguísticas desses grupos, como vocabulário, entonação e estrutura gramatical.

É importante destacar, ainda, que em muitas comunidades ribeirinhas, a transmissão do conhecimento e das histórias ocorre principalmente oralmente, e isso pode resultar em variações na pronúncia, na gramática e no vocabulário, especialmente quando comparado ao português da norma padrão ensinado nas escolas.

Percebe-se, então, que o socioleto ribeirinho é uma parte vital do patrimônio cultural do Brasil, e valorizá-lo significa preservar uma forma única de expressão intrinsecamente ligada às tradições, histórias e identidades das comunidades ribeirinhas, contribuindo significativamente para a promoção da diversidade linguística, destacando não haver uma única forma “correta” de haver a conversação, enquanto cada diversidade linguística é valiosa e merece reconhecimento.

Como consequência dessa valorização, há um movimento de fortalecimento da identidade cultural e do senso de pertencimento, o qual contribui para uma autoestima positiva e orgulho de suas origens, auxiliando na realização da inclusão social e facilitando a interação e entendimento entre diferentes grupos sociais.

Portanto, a valorização da linguagem ribeirinha não apenas enriquece a compreensão da diversidade linguística no Brasil, mas também desempenha um papel fundamental na preservação da cultura, na promoção da inclusão social e na construção de uma sociedade mais plural e respeitosa com suas raízes culturais.

## *2.2 Sociolinguística*

A sociolinguística é o ramo da linguística que estuda a relação entre a língua e a sociedade. Soares; Pimentel (2021) destacam que se trata da investigação de fatores sociais, como classe social, etnia, gênero, idade, educação e contexto cultural, e como influenciam e são influenciados pelo uso da linguagem. Em outras palavras, a sociolinguística examina as variações linguísticas que ocorrem em diferentes contextos sociais e culturais, bem como os padrões de uso da linguagem em comunidades específicas.

É nesse contexto que um exame sociolinguístico das diferentes formas de linguagem que existem em uma comunidade, incluindo variações dialéticas, socioleto e registros linguísticos ajudam a identificar fatores sociais e relacioná-los com o modo como as pessoas falam, e como essas variações se manifestam em diferentes grupos sociais. Além disso, é possível identificar as atitudes linguísticas das pessoas em relação às diferentes formas de linguagem e como essas atitudes impactam as interações sociais (Costa; Lopes, 2019).

Com isso, a sociolinguística desempenha um papel fundamental na compreensão das complexidades da linguagem em sociedade, permitindo uma visão mais profunda das relações entre língua, cultura e identidade.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa incluiu um levantamento bibliográfico realizado a partir de uma seleção de materiais usados para elaboração da escrita da pesquisa conforme a temática abordada, inserindo as ideias de pesquisadores que debatem o tema (Vergara, 2018). Além disso, a pesquisa bibliográfica foi subsidiada pela aplicação de um questionário misto contendo questões referentes às percepções sobre a temática desenvolvida na pesquisa de opinião pública com 35 participantes não identificados, que residem nas comunidades ribeirinhas da Vila de Maiauatá.

### *3.1 Local da Pesquisa*

A Vila de Maiauatá está localizada no município de Igarapé-Miri, na Microrregião de Cametá e pertencente à mesorregião nordeste paraense, região norte do Brasil. Segundo Carvalho (2018), o município faz limite ao norte com o município de Abaetetuba, ao sul com o município de Cametá, a leste com o Município de Moju e a oeste com o Município de Cametá e com o Rio Tocantins.

A Vila, segundo Monteiro, Vilhena e Silva (2014), possui 58.077 habitantes, sendo 31.872 vivendo na zona rural e 26.205 na zona urbana. Conforme os dados do Plano Local de Habitação de Interesse Social do Município de Igarapé-Miri/PA, a Região do Tocantins é marcada pela forte presença de bacias hidrográficas e é nesse sentido que o município de Igarapé-Miri se destaca tendo duas formas de acesso prioritárias e facilmente identificadas, tais como: a fluvial e a terrestre, ressaltando-se que a hidrografia local tem um importante papel no acesso entre as localidades do município (Pará, 2020).

### *3.2 Análise*

A investigação foi conduzida com a colaboração ativa de 35 participantes, todos estudantes da Vila Maiauatá, e teve como objetivo principal investigar as dificuldades de comunicação enfrentadas pelos ribeirinhos devido à discriminação linguística. Além disso, o estudo investigou os impactos da discriminação linguística sobre esses indivíduos, e buscou compreender as implicações sociais e psicológicas dessas especificidades.

Através da coleta e análise cuidadosa de dados, foi possível elaborar gráficos elucidativos que ilustram as respostas obtidas, as barreiras comunicativas e as experiências de discriminação enfrentadas pelos ribeirinhos. O compartilhamento dessas descobertas significativas contribuirá para uma melhor compreensão das dinâmicas linguísticas e sociais no contexto dessa comunidade. Os gráficos a seguir apresentam a caracterização sociodemográfica dos participantes, revelando dados sobre sexo, idade e grau de instrução.

No primeiro momento da pesquisa foram investigadas as percepções dos participantes sobre a relação entre o seu modo de falar e como ele é recepcionado em seu meio social. Após análise dos questionários foi possível verificar a percepção dos participantes sobre a valorização de sua linguagem em relação ao português padrão. Diante disto, verificou-se que 5,71% das

pessoas acreditam que a linguagem ribeirinha é valorizada, enquanto que 82,86% acreditam que não é valorizada e 11,43% não têm certeza sobre essa questão, segundo as respostas coletadas na pesquisa com as 35 pessoas.

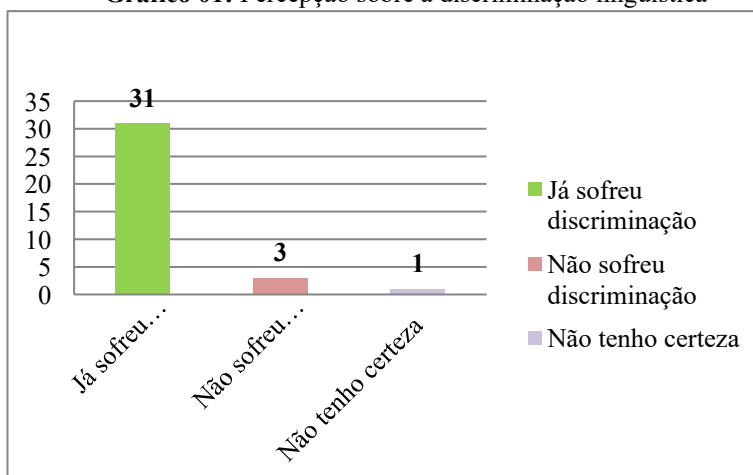
A maioria dos participantes relataram que acreditam que a linguagem ribeirinha não é valorizada em comparação à linguagem formal, o que de fato reitera a necessidade de fomentar a diversidade linguística a partir de uma perspectiva de valorização da linguagem e suas variações, pontuando-a como um dos tesouros culturais mais ricos do país, e que refletem a pluralidade de experiências e identidades de suas comunidades.

Entretanto, deve-se pontuar que a coexistência de diferentes dialetos pode levar à discriminação linguística, onde algumas variantes podem sim ser injustamente menosprezadas em relação à língua padrão. Logo, as características particularmente evidentes nas comunidades ribeirinhas, cujas formas de falar únicas, muitas vezes, são marginalizadas em favor do português padrão.

É necessário ressaltar que o movimento de valorização da linguagem ribeirinha deve partir da compreensão de que as linguagens faladas pelos ribeirinhos são intrínsecas às suas identidades culturais e históricas, de forma que cada expressão, gíria e entonação contam uma história única, transmitindo tradições, crenças e valores fundamentais para essas comunidades. Com isso, ao valorizar essas formas de linguagem, preserva-se não apenas palavras, mas também tradições ancestrais e conhecimentos passados de geração em geração (Alves, 2021).

Nesse contexto, é importante mencionar que ao aceitar e valorizar a linguagem dos ribeirinhos, também se está promovendo a inclusão social dessas comunidades, haja vista que, quando as pessoas se sentem orgulhosas de sua forma de falar, desenvolvem uma maior autoestima e autoconfiança, fortalecendo a coesão social e promove um senso de pertencimento, essencial para o desenvolvimento sustentável de qualquer comunidade.

Além disso, Feitosa (2023) ressalta ser necessário atentar para que, algumas vezes, a percepção de desvalorização da linguagem pode ter sido motivada por situações de discriminação linguística. É nesse contexto que os participantes da pesquisa foram indagados sobre a questão e os resultados são apresentados no gráfico a seguir.

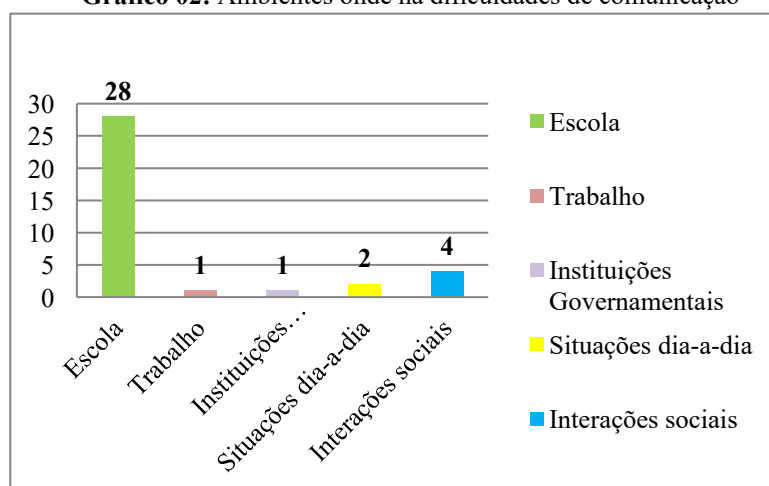
**Gráfico 01:** Percepção sobre a discriminação linguística

Fonte: Pesquisadora (2023)

No gráfico 01, observa-se que aproximadamente 88,57% das pessoas afirmaram já ter sofrido discriminação linguística, 8,57% afirmaram não ter sofrido, e 2,86% não tiveram certeza se a situação que passou se caracteriza como discriminação linguística, segundo as respostas coletadas na pesquisa com as 35 pessoas. Importante transcrever o complemento que um dos participantes fez ao responder ao questionamento, afirmando que tais situações causaram “*vergonha de falar, principalmente de participar nas aulas*”.

Há, portanto, implicações que são mais profundas, afetando, inclusive, a autoestima. Situações de discriminação linguísticas podem ser enfrentadas cotidianamente, nas mais variadas situações e nos mais diversos ambientes. Considerando tal perspectiva, o gráfico a seguir apresenta os principais ambientes nos quais os participantes sentem dificuldades de se comunicarem devido às particularidades de sua linguagem.

No gráfico 02, observa-se que aproximadamente 80% (28 participantes) das pessoas relataram ter dificuldades de comunicação na escola, 2,86% no trabalho (01), 2,86% em instituições governamentais (01), 5,71% em situações do dia-a-dia (02) e 11,43% nas interações sociais (04), consoante com as respostas coletadas na pesquisa com as 35 pessoas.

**Gráfico 02:** Ambientes onde há dificuldades de comunicação

Fonte: Pesquisadora (2023)

O fato de todos os participantes serem estudantes corrobora com o elevado percentual de dificuldades de comunicação na escola, ainda que o ambiente escolar, por sua natureza, devesse ser um espaço inclusivo e acolhedor para todos os estudantes. No entanto, a pesquisa revela que para os ribeirinhos com uma linguagem diferente da língua padrão, as dificuldades de comunicação criam barreiras significativas, impactando seu desenvolvimento educacional e, até mesmo emocional.

Conforme Alves (2021), quando os ribeirinhos encontram dificuldades para se comunicar na escola devido às diferenças linguísticas, podem ser estigmatizados pelos colegas e, às vezes, até pelos professores, o que pode levar a uma baixa autoestima e autoconfiança, afetando níveis de seu desempenho acadêmico e seu envolvimento nas atividades escolares, enquanto o sentimento de inadequação pode criar um ciclo de isolamento social e desinteresse pelo aprendizado.

Além disso, não se pode deixar de considerar que as dificuldades de comunicação no ambiente escolar podem impactar diretamente o desempenho acadêmico dos ribeirinhos, pois se eles não conseguirem compreender completamente as instruções ou expressar suas ideias devido às diferenças linguísticas, podem ter dificuldades em acompanhar o currículo e alcançar seu potencial máximo, o que pode limitar suas oportunidades futuras, afetando suas perspectivas de emprego e educação superior.

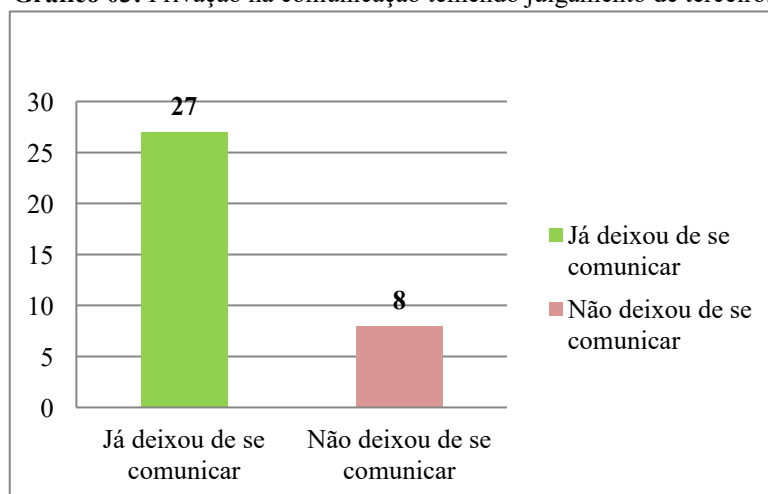
É importante mencionar que as dificuldades de comunicação também poderão afetar a inclusão social dos ribeirinhos na escola, pois a participação ativa em atividades



extracurriculares, eventos escolares e interações sociais pode ser comprometida, privando esses estudantes de experiências valiosas que trazem para o desenvolvimento pessoal e social.

Tal situação conduz ao próximo questionamento, sendo este: se os participantes já vivenciaram experiências nas quais deixaram de expressar suas opiniões, temendo o julgamento de terceiros em relação à sua linguagem particular. O gráfico a seguir apresenta os resultados obtidos.

**Gráfico 03:** Privação na comunicação temendo julgamento de terceiros



Fonte: Pesquisadora (2023)

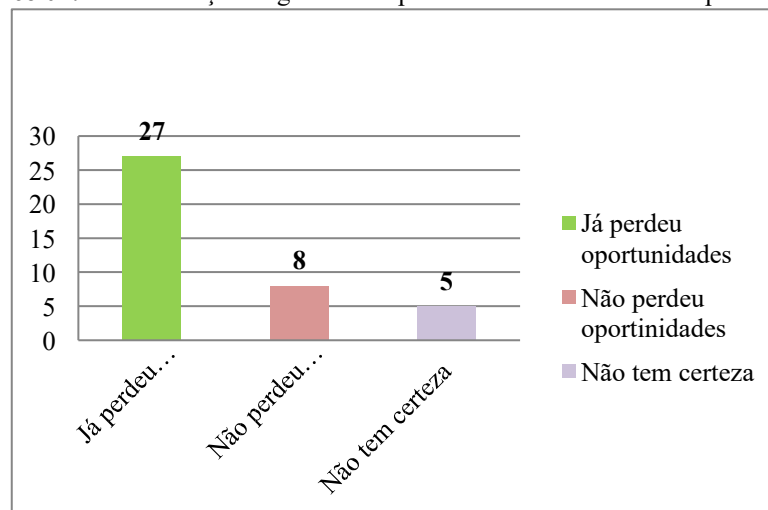
Os dados da pesquisa revelaram que 77,14% (27) dos participantes já deixaram de se comunicar e/ou expressar suas opiniões devido ao temor de serem julgados pelos ouvintes em decorrência de sua linguagem particular e, ainda, 22,86% (08) dos participantes afirmaram que não deixam de se comunicar e/ou expressar suas opiniões apesar do julgamento dos ouvintes.

Inicialmente, é importante ressaltar que a linguagem é um veículo essencial para a expressão humana e um elemento central da identidade cultural. No entanto, para muitos ribeirinhos, a sua maneira única de falar tornou-se uma fonte de discriminação. É alarmante que 77,14% dos ribeirinhos entrevistados admitiram ter deixado de se comunicar devido ao medo de serem julgados por sua linguagem. Este dado revela uma realidade alarmante: a discriminação linguística persiste, privando essas comunidades de sua voz e sua autoestima.

A discriminação linguística impõe profundas consequências psicológicas e sociais. O temor de ser ridicularizado ou excluído prejudica a comunicação, limitando o desenvolvimento emocional e intelectual dos indivíduos. Nesse contexto, foi indagado aos participantes se

acreditam que a discriminação linguística pode afetar suas oportunidades educacionais e profissionais, os resultados são apresentados no gráfico a seguir.

**Gráfico 04:** Discriminação linguística e oportunidades educacionais e profissionais



Fonte: Pesquisadora (2023)

Os resultados da pesquisa revelaram que aproximadamente 62,86% dos ribeirinhos afirmam ter perdido oportunidades profissionais e educacionais devido ao seu modo de falar, 22,86% afirmam não ter perdido oportunidades, e 5,71% não têm certeza sobre essa questão, segundo as respostas coletadas na pesquisa com os 35 ribeirinhos.

Como já mencionado, a discriminação linguística vai além das palavras, impactando diretamente as oportunidades de trabalho e educação para os ribeirinhos. Quando os ribeirinhos são discriminados devido ao seu modo de falar, encontram barreiras graves no mercado de trabalho, pois a falta de oportunidades de emprego adequadas não apenas limita seu sustento financeiro, mas também contribui para o ciclo da pobreza, impedindo o desenvolvimento econômico das comunidades ribeirinhas.

A pesquisa revela, também, que a discriminação linguística afeta as oportunidades educacionais dos ribeirinhos e o acesso a uma educação de qualidade é essencial para o crescimento pessoal e profissional, mas quando as portas das escolas e universidades são fechadas devido às diferenças linguísticas, os ribeirinhos são privados do conhecimento e das habilidades possíveis para melhorar suas condições de vida.

Feitosa (2023) sugere que para superar as dificuldades de comunicação é essencial implementar estratégias que promovam a inclusão. Isso inclui sensibilização por parte dos

educadores para as diferenças linguísticas, adaptações no método de ensino para atender às necessidades dos alunos e incentivo ao uso da língua materna como parte do currículo.

Além das consequências econômicas, a discriminação linguística tem profundos impactos sociais e emocionais, a exclusão social resultante do preconceito linguístico pode levar ao isolamento, baixa autoestima, ansiedade e depressão, o sentimento de não pertencimento e essa experiência contínua de inferiorização têm efeitos devastadores na saúde mental e bem-estar emocional dos ribeirinhos (Alves, 2021).

Importante mencionar que a discriminação linguística cria um ciclo prejudicial, em que as gerações futuras também enfrentarão as mesmas barreiras, sobretudo, quando se considera que crianças ribeirinhas que observam seus pais sendo discriminados por sua linguagem podem internalizar essa discriminação, minando sua autoconfiança desde cedo.

Feitosa (2023) argumenta, ainda, que essa forma de discriminação perpetua um ciclo de marginalização, prejudicando as oportunidades educacionais, profissionais e sociais dos ribeirinhos. Em um mundo cada vez mais globalizado, onde a diversidade deveria ser celebrada, a discriminação linguística não é apenas injusta, mas também uma barreira para o progresso social e cultural.

É fundamental considerar que a linguagem ribeirinha é uma herança cultural preciosa que enriquece a tapeçaria linguística do nosso país. Desse modo, valorizar essa diversidade linguística não é apenas um ato de respeito às comunidades ribeirinhas, mas também um enriquecimento para toda a sociedade, pois a preservação das línguas regionais é um investimento na riqueza cultural do país, promovendo um ambiente onde a diversidade é celebrada e respeitada.

Ao aceitar e respeitar as diferenças linguísticas é possível construir um ambiente onde todos tenham acesso igualitário às oportunidades de trabalho e educação, independentemente de sua origem linguística. Portanto, a valorização cultural, o respeito pelas tradições linguísticas e a promoção da inclusão são passos cruciais para quebrar os grilhões da discriminação linguística e criar um futuro mais equitativo e diversificado para os ribeirinhos e para toda a sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a discriminação linguística, comumente, marginaliza aqueles que não falam a língua padrão, criando barreiras à educação, ao emprego e à participação social. Ao

valorizar e respeitar a linguagem dos ribeirinhos é possível combater essa forma de discriminação, de modo que a educação desempenha um papel fundamental nesse processo, ensinando não apenas a língua padrão, mas também valorizando os dialetos locais, pois ao adotar uma abordagem inclusiva pode-se promover a equidade linguística e criar uma sociedade mais justa e igualitária.

Dessa forma, valorizar a linguagem dos ribeirinhos não é apenas uma questão de preservação da diversidade cultural, mas também uma forma eficaz de evitar a discriminação linguística. Com isso, ao aceitar e celebrar as diferentes formas de falar, estamos construindo uma sociedade mais inclusiva e tolerante. É imperativo que se reconheça a importância de todas as línguas, dialetos e expressões linguísticas para promover um mundo onde cada voz seja ouvida e respeitada e, ao mesmo tempo, se contribuir para um futuro mais harmonioso, no qual a riqueza da diversidade linguística é visualizada de acordo com seu valor.

## REFERÊNCIAS

ALVES, L.D. Quando dizer é fazer parentesco: contribuições sobre a prática da economia dos termos de parentesco entre ribeirinhos da Amazônia Paraense. **Revista Linguística**, v.17, n.1, 2021. Disponível em: <https://revistas3.tic.ufrr.br/index.php/rl/article/view/39403> Acesso em: 28 set.2023.

CARVALHO, D.M. **Política e exclusão social**: um estudo sobre o município de IgarapéMiri/PA. Belém, PA: Camutás, 2018.

COSTA, K.M; LOPES, J.D. Relações interculturais em processos educativos de povos ribeirinhos da Amazônia. **Nova Revista Amazônica**, v. 7, n. 2, p. 147 – 165, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/12555>. Acesso em: 25 out. 2023.

FEITOSA, L.A. Crenças e atitudes nas escolas do campo: o que dizem os professores sobre os fenômenos variacionistas do português brasileiro? **Revista Falas Breves**, n. 12, 2023. Disponível em: <https://falasbreves.ufpa.br/index.php/revista-falas-breves/article/view/307> Acesso em: 12 out. 2023.

FRANCÊS JÚNIOR, C. **Atitude e estigma**: investigações sobre o status do alteamento da vogal média posterior tônica na variedade marajoara. 2011. Disponível em: [https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/14391/1/Tese\\_AtitudeEstigmaInvestigacoes.pdf](https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/14391/1/Tese_AtitudeEstigmaInvestigacoes.pdf) Acesso em: 28 set. 2023.

MONTEIRO, P.G.B; VILHENA, T.M; SILVA, C.N; LIMA, R.S. Modo de Vida e Mapeamento Participativo na Vila Maiauatá (Igarapé Miri-PA). **Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos**, 2014. Disponível em:

[http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1403891166\\_ARQUIVO\\_ARTIGOGAPTA.pdf](http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1403891166_ARQUIVO_ARTIGOGAPTA.pdf) Acesso em: 31 jul. 2023.

**PARÁ. Plano Local de Habitação de Interesse Social do Município de Igarapé-Miri.** Pará: UFPA, 2020.

SOARES, R.S; PIMENTEL, V. Preconceito e variação linguística no contexto escolar: o desafio dos alunos da EEEFM Mário Barbosa, residentes das ilhas e do bairro da Terra Firme, Belém/PA. **Revista Conexões de Saberes**, v.5, n.1, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/55919/Downloads/14578-47998-1-SM.pdf> Acesso em: 25 set. 2023.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 12 ed. São Paulo: Atlas, 2018.